

LITERATURA INFANTOJUVENIL: NOVO CENÁRIO, NOVAS PERSPECTIVAS

Nasle Maria Cabana

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT)

(cabananasle@gmail.com)

Resumo

O presente artigo propõe reflexões e apontamentos sobre a literatura infantojuvenil, visando repensar alguns procedimentos de ensino que afastam ou que aproximam os jovens do livro. O objetivo é discutir brevemente os caminhos percorridos pela literatura voltada para o público jovem e ponderar sobre seus propósitos pedagógicos, dando ênfase ao pouco espaço para a fruição literária propriamente. Será dado destaque ao fato de alguns processos educacionais afastarem os jovens da literatura, sinalizando possíveis equívocos em práticas que costumam distanciar esses leitores do universo literário. A finalidade é reforçar a ideia de que os procedimentos pedagógicos adotados são responsáveis pelo êxito, por isso alguns serão discutidos. Outro ponto crucial a ser abordado, é a escolha dos livros voltados para adolescentes, que deve ser feita de forma cuidadosa para a eficiência do processo de construção do letramento literário.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Fruição literária; Práticas educacionais.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfnas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	------------	-------	------	------

Nasle Maria Cabana

Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Letras Português/Inglês pela PUC-MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-doutorado PNPd em Estudos Linguísticos pela UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Professora interina da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, atuando nas áreas de estudos linguísticos e literários. Atualmente desenvolve pesquisas nas áreas de ensino de língua portuguesa em contextos interculturais, aspectos morfosintáticos de línguas minoritárias e literatura infantojuvenil.



lattes.cnpq.br/2112265294315157



orcid.org/0000-0003-4732-1402

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

LITERATURA INFANTOJUVENIL: NOVO CENÁRIO, NOVAS PERSPECTIVAS

Nasle Maria Cabana

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT)

(cabananasle@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Assim como outras formas de manifestação artístico-cultural, a literatura reflete a inquietude humana, expressa emoções individuais e coletivas e nos transporta para dentro de nós ou para lugares longínquos. O texto literário possui a função de representar a atmosfera de um tempo e lugar, seus valores, conflitos, dores, euforias e indagações. Sobre esses aspectos, Cosson (2007) explica que a literatura reflete os saberes, o pensamento e a cultura de um povo. A partir de sua leitura, é possível vivenciar experiências, romper limites do tempo e do espaço. É importante salientar ainda que a leitura literária faz também parte de um processo de interação verbal e, como tal, possui função social, impondo ao leitor uma reflexão crítica sobre o texto e o mundo. Antunes (2005) explica que a leitura é um processo que deve ir além da decodificação do código linguístico e que uma das características da literatura é a liberdade estética e criadora, o que a diferencia do texto não literário. Não importa apenas o que é dito, mas a forma como é dito, como bem reforça a autora. Além disso, por utilizar uma linguagem não objetiva, permite que sejam feitas diferentes leituras, cada qual a partir da perspectiva individual do leitor, lembrando, entretanto, que é ele um ser social e que sua individualidade é atravessada por influências de seu meio, e que a cada contato com a arte literária, o leitor é impregnado de impressões e novas experiências, resultando na expansão de seu universo interior.

Valendo desse impacto da leitura na constituição do indivíduo tão importante em tempos atuais, em que há uma tendência generalizada pelo efêmero e pela superficialidade, essa reflexão visa apresentar uma contribuição para o repensar literário em contexto escolar. O objetivo é discutir brevemente os caminhos percorridos pela literatura voltada para o público jovem, com apontamentos sobre o envolvimento de propósitos pedagógicos, fins moralizantes e o pouco espaço para a fruição literária propriamente. Será dado relevo, nessa discussão, ao fato de alguns processos educacionais afastarem os jovens da literatura,

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

causando, inclusive, um efeito contrário ao esperado. Dessa forma, pretende-se sinalizar possíveis equívocos em práticas pedagógicas que costumam distanciar os jovens leitores do universo literário. Também será traçado um breve perfil desse público leitor a fim de contribuir para a reflexão, no âmbito educacional, sobre como aproximá-lo do texto literário. A finalidade é reforçar a ideia de que os procedimentos pedagógicos e a escolha dos livros indicados para os jovens devem ser feitos de forma cuidadosa para a eficiência do processo de construção do letramento literário, em que ocorre a apropriação da habilidade da leitura literária, tornando-a parte das experiências que levam o leitor à ampliação de conhecimentos responsáveis pela construção social, sem deixar de considerar o fato de que a literatura é um meio oportuno de entretenimento.

DO INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL À ERA DE MONTEIRO LOBATO

Não há como negar que a publicação de obras de José Bento Renato Monteiro Lobato representou um marco na literatura brasileira no início do século XX, principalmente aquelas destinadas ao público jovem. Antes de Lobato, as publicações destinadas a crianças e jovens eram escassas e tinham mais caráter didático-pedagógico do que propriamente literário. Assim, para compreender a relevância do autor nesse cenário, é importante lembrar o contexto da literatura infantojuvenil no Brasil antes de suas publicações. Anteriormente a Lobato, final do século XIX e início do século XX, quase não existia publicações destinadas a esse público. Circulavam obras europeias traduzidas ou adaptadas para o português. Incluíam-se *Os Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel e *Os Contos da Mamãe Gansa*, de Charles Perrault. Apesar de especialistas apontarem aspectos positivos relacionados ao desenvolvimento da criança a partir do contado com os contos de fadas, suas versões mais antigas, no geral, possuíam teor macabro, carregadas de cenas consideradas violentas ou inapropriadas para o público infantil. Ainda assim, essas obras povoaram o universo infantil por muitas décadas e, posteriormente, ganharam versões mais palatáveis ou atualizadas, compatíveis com as transformações que a sociedade brasileira vinha experimentando.

Nesse cenário polêmico em que se encontravam os contos de fadas, houve a necessidade de criação de material de leitura, inclusive para atender a programas de alfabetização, criando-se iniciativas de nacionalização da literatura infantil. O Brasil entrava em um período de crescente urbanização e era imprescindível que se ampliasse o acesso à educação para todas as camadas da população, incluindo as menos favorecidas. A expectativa era de desenvolvimento do país e, para isso, era necessário qualificação da mão de obra trabalhadora. Por essa razão, o processo de escolarização era orientado por um projeto

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

ideológico, inspirado no modelo europeu, ao qual o texto infantil, assim como a escola, deveriam estar alinhados. A formação educacional de cidadãos era necessária para atender ao anseio de modernização que a nação experimentava. O crescimento urbano exigia a ampliação da alfabetização já que, no final do século XIX, estava restrita a alguns grupos e regiões do país. A ideia era incutir, nos jovens, valores como amor à pátria, dedicação à família, obediência e trabalho para alcançar a felicidade. O projeto objetivava introduzir nos leitores comportamentos, atitudes e valores julgados adequados (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p.30). Ainda segundo as autoras, via de regra a imagem de criança presente em textos da época era estereotipada, quer como virtuosa e de comportamento exemplar, quer como negligente e cruel, indicando comportamentos a serem seguidos ou evitados. Essa característica, que atualmente ainda está presente em obras destinadas a crianças e jovens, tem levado muitos a considerarem que estas possuem mais caráter pedagógico do que literário. E se é pretensão da escola formar alunos leitores e com afinidade à arte literária, há de se questionar esse tipo de material. Esse é um ponto que merece destaque nesta discussão. A proposta de conciliar a leitura à internalização de valores e à formação de condutas que devem ser impostas aos jovens desconsidera características importantes da literatura enquanto manifestação artística e cultural. Além disso, essa intenção pedagógica é facilmente percebida pelos alunos e considerada enfadonha. Cunha (2003, p. 51) explica que a arte é essencialmente conotativa e se desenvolve na área apreciativa, cujo processo deve ser acompanhado de sensação agradável. Além disso, é comum que a leitura resulte em pensamentos divergentes. Nesse sentido, materiais oferecidos aos jovens leitores muitas vezes distanciam do que é propriamente literário. Isso não é um problema se o propósito do professor for utilizar a leitura como conteúdo transversal a fim de abordar alguma questão relevante para a turma. Entretanto, o destaque da discussão, aqui proposta, é sobre o letramento literário, ou melhor, sobre como a leitura literária pode ser despreziosamente atraente e ao mesmo tempo enriquecedora.

Outra preocupação que merece destaque está relacionada à correção da linguagem. Ainda no início do século XX, tradicionalistas eram contrários que a linguagem utilizada pelos personagens, mesmo que fictícios, fosse compatível com a utilizada por pessoas de baixa escolaridade ou provenientes de certas regiões país, com suas especificidades dialetais. Apregoava-se uma pretensa língua homogênea e “cult”, falada em todo território brasileiro. Para eles, o texto deveria se manifestar com correções linguísticas, mesmo que estas parecessem incompatíveis com as características dos personagens. Marcas de oralidade ou traços regionais presentes em obras literárias eram considerados descuidos do uso da linguagem, portanto, inapropriados para os jovens leitores a quem queriam, além de transmitir valores, promover a variante de prestígio da língua.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Esse cenário descrito não parecia ser muito atraente para que os pequenos e jovens leitores cultivassem afinidade com a arte literária propriamente. Eis que, em 1920, surge um nome que, apesar do envolvimento em muitas polêmicas, soube mergulhar no imaginário infantil, abandonando a construção de personagens cujo comportamento servisse de modelo para a elevação do caráter dos pequenos. Lobato se atreveu a dar asas à imaginação e estreou, no Brasil, uma produção que violava alguns princípios considerados indispensáveis para a produção de livros comportados e adequados para moldar o comportamento das crianças e jovens, mas que continha em abundância ingredientes com os quais os jovens pareciam ter familiaridade: estripulias, aventuras, imaginação. Seus personagens são “crianças”, com toda fantasia que lhes é típica, mas em processo de desenvolvimento. Claro que seu mérito não apaga a mácula impregnada de racismo de suas obras, que por ora não será colocada em pauta, em virtude dos objetivos aqui propostos. A questão é que Lobato atingiu seu público-alvo por oferecê-lo a oportunidade de vivenciar as aventuras da menina do narizinho arrebitado no Sítio. Suas obras, contudo, não passaram impunes aos religiosos e moralistas da época, sendo ora utilizadas, ora banidas. Mas não há como negar que a imaginação, o lúdico, a fantasia e a recriação de personagens do folclore brasileiro contribuíram para a valorização da produção literária para os jovens. O sucesso foi tamanho que continuou reverberando por diversos anos, contando com várias versões televisivas. Um dos ingredientes utilizados foi a compreensão do universo desse público infanto-juvenil e é justamente por essa razão que o polêmico autor é mencionado nessa discussão, para chamar atenção para a importância de se conectar a literatura aos pequenos e jovens leitores, tendo em vista aquilo que lhes é próprio: o encantamento, a fantasia, a aventura e o mistério. Sinalizavam-se, assim, os rumos que a literatura infantojuvenil deveria seguir.

NOVOS RUMOS, NOVOS DESAFIOS

Outros nomes de destaque surgiram ao longo do século XX, como Cecília Meirelles, Clarice Lispector, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo, Pedro Bandeira, Ziraldo, entre outros. Mas, ainda assim, cada vez mais professores se queixam do desafio que é levar o livro aos jovens. Isso quando não é o próprio professor, que, mesmo assumindo a tarefa de trabalhar literatura, não possui apreço por esse tipo de leitura e, dessa forma, não consegue realmente fazer um bom trabalho, problemática que não será aprofundada aqui. A questão é que o cenário ainda é desafiador. E uma das explicações parece ser decorrente da forma como a literatura tem sido escolarizada. Ao se tornar ambiente privilegiado para leitura, a escola parece ter transformado essa prática em atividade exclusivamente de cunho pedagógico.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Algumas vezes para desenvolver habilidades de leitura, outras para utilizar textos literários para atividades gramaticais. Assim, a literatura parece ficar restrita a atividades didático-pedagógicas com pouca fruição estética, sem compromisso com questões que sejam apenas literárias, como deveria ser.

Pesquisadores apontam que dificilmente se cultiva o gosto pela leitura a partir das práticas pedagógicas normalmente adotadas pelas escolas. Algumas ainda usam procedimentos tradicionais como submeter os alunos a provas de verificação após a leitura das obras, ou solicitam preenchimento de fichas, que parecem ser ainda mais inócuas e pouco estimulantes do que as avaliações de verificação. Cosson (2007, p. 29) adverte que “quem passou pela escola preenchendo fichas de leitura meramente classificatórias terá grande dificuldade de apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa...”. A constatação da ineficiência desses procedimentos tem levado, atualmente, a duas tendências: a primeira refere-se à quase exclusão do texto literário das práticas em sala de aula. É possível até relacionar essa redução do espaço dedicado à literatura no ensino básico à recomendação da BNCC que orienta para trabalho com uma grande diversidade de gêneros textuais a fim de preparar os alunos para as diferentes manifestações discursivas que circulam na sociedade. Uma hipótese aqui levantada é de que têm sido privilegiados outros gêneros e o trabalho com a literatura ficado mais restrito. Às vezes, a literatura é trabalhada apenas esporadicamente a partir de fragmentos inseridos no livro didático, nada mais. O acesso a obras completas é, por vezes, restrito.

Outra tendência, também verificada em algumas práticas, é a adoção da leitura literária de forma mais livre. Os alunos são orientados a frequentar a biblioteca e escolher livros conforme seu interesse e afinidade. Como é uma atividade livre, em geral, não há muitas orientações, às vezes sendo solicitados a produzir uma resenha. Outras vezes, são realizadas rodas de conversa, momentos em que cada aluno expõe sobre a obra lida. Esse é um procedimento produtivo para aqueles alunos que já tenham apreço pela leitura, mas pouco estimulante para os demais que ainda não atingiram tal afinidade. Ademais, a análise literária propriamente é também importante como bem lembra Cosson. Esse autor ressalta sua importância, pois quando bem realizada, permite que o leitor compreenda a magia da leitura e penetre nela com mais intensidade.

Outro impasse enfrentado pelos professores, com destaque para aqueles que tentam estimular a leitura, é o advento das novas tecnologias e, com elas, o universo dos jogos digitais, das redes sociais, enfim, de ferramentas altamente atraentes e interativas. Atrair a atenção dos jovens para as aventuras que podem ser desfrutadas pela leitura é desafiador frente a concorrência com os jogos digitais e com as séries das plataformas de *streaming*. Esse

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

cenário só reforça a ideia de que o livro é coisa de escola. Esses apontamentos destacam o que já se sabe: os desafios enfrentados pelos educadores são muitos, e as escolas nem sempre têm sido eficazes na aproximação dos jovens com a leitura, sobretudo com a literária. Um dos efeitos desse processo é a aversão que muitas crianças e jovens têm à leitura, o que resulta, em adultos também sem gosto pelo livro.

REFLEXÃO SOBRE ALGUMAS PRÁTICAS

Tem-se apontado como responsável pelo cenário descrito acima o perfil das crianças e adolescentes da atualidade, que já nasceram na era tecnológica. Ou ainda, por vezes, responsabilizado aqueles que são encarregados pela escolha do livro, uma vez que parece também ser fator determinante desse processo de aproximação do jovem leitor com a literatura. Sobre este último aspecto, é bom lembrar que a seleção das obras, por vezes, é feita muitas vezes desconsiderando o perfil dos jovens, seus gostos e afinidades. Além disso, as estratégias para o trabalho costumam não ser atraentes. É importante não deixar de mencionar que há uma diversidade grande de realidades escolares pelo Brasil. Há escolas em que há ofertas de livros de forma significativa, e há aquelas que possuem bibliotecas precárias. Outras nem isso. Todas enfrentam dificuldades. No entanto, escolas de redes públicas podem contar com o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que é destinado a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias de forma sistemática, regular e gratuita, contribuindo para a democratização do acesso ao livro. Não é objetivo aqui tratar do desnível ainda existente no país, mas é bom acrescentar que, mesmo escolas particulares, cujos alunos possuem poder aquisitivo razoável, possuem também falhas nesse processo de formação do aluno-leitor. Na verdade, o aluno sente-se coagido a ler, como lembra Cunha (2003). Mas, como explicar o sucesso com de obras como *Harry Potter*, de J.K. Rowling, *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins, *A Culpa é das Estrelas*, de John Green, *Percy Jackson e Os Olimpianos*, de Rick Riordan, *As Crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis, entre os adolescentes de vários países e também do Brasil? Sobre essa questão, Denise Curia (2012, p. 12) também pontua, ao questionar sobre o porquê de os adolescentes preferirem a literatura de vampiros, monstros, mitologia, magia e histórias do dia a dia às obras da Literatura Universal. A autora aponta uma forte identificação dos jovens com estes textos, em que se observa conflitos de personalidade, o amor que vence todas as convenções, a vida eterna, a disputa entre o bem e o mal. Refletindo sobre essa questão, fica claro que um dos problemas é o tipo de livro indicado pelas escolas, que parece enfadonho aos jovens. Infelizmente, apenas um seleto grupo de estudantes brasileiros possui acesso às obras citadas, mas essa discussão pode contribuir como um indicativo para a escolha de livros feita pelos professores. As crianças e adolescentes

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

parecem ser atraídos por aventura, magia, suspense, cenas impactantes, mistério. O caráter nitidamente pedagógico, sugestivo de comportamentos a serem seguidos ou evitados parecem ser repudiados, embora a BNCC¹ enfatize que a escola, por seu caráter pedagógico, por vezes deve priorizar a função didática dos textos direcionados à infância. Entretanto, se é objetivo da escola formar leitores e mais, promover o letramento literário, o caminho talvez não seja apenas esse.

Sendo assim, apesar do cenário descrito e dos muitos desafios envolvidos, é possível um trabalho produtivo e cooperativo entre escola, poder público e família para a criação de jovens leitores. E, ao buscar estratégias adequadas, o professor de literatura infantojuvenil consegue reverter o cenário negativo. O ponto de partida é conhecer seu público leitor e traçar seu perfil a partir de diálogos. Esse é um caminho razoável para conectá-los à literatura. Nesse ponto da discussão, deve ficar claro a importância da seleção do livro, que inclusive pode e deve ser feita com a participação dos alunos. Incluí-los na escolha das obras e das temáticas é uma boa alternativa para acertar. Outro ponto importante diz respeito ao trato dado pelo professor ao processo. Ao solicitar leituras, deve-se transmitir entusiasmo e instigar a curiosidade dos pequenos e jovens. A postura do professor pode fazer a diferença e, para isso, ele deve ser um leitor entusiasta. Não se pode transmitir ao outro aquilo que não se tem. Antes de iniciarem a leitura, o professor pode fazer uma explanação sobre o enredo da obra a fim de provocar a curiosidade dos alunos para as aventuras que estarão por vir. Ele pode, ainda, transformar a experiência da leitura em um evento em que a obra será alvo de debate.

Uma estratégia para estimular a leitura é o trabalho com livros que tratem de temas polêmicos, como *O Vencedor*, de Frei Betto, que narra sobre o envolvimento de jovens com drogas e *Depois daquela viagem*, de Valéria Polizzi, obra autobiográfica, em que a autora narra sua experiência ao contrair o vírus HIV na adolescência após relação com seu namorado. Outra obra que costuma impactar os jovens leitores é *O Menino do pijama listrado*, de John Boyne. São temas bastante pertinentes para se abordar com os jovens por volta dos 15 a 18 anos, resultando em discussões bastante acaloradas. Sobre essa prática, no entanto, há divergência entre especialistas por considerarem que esta não é a função da literatura, nem se quer esse tipo de obra pode ser considerada propriamente literatura. Defende-se que é preciso reservar o momento para a apreciação estética do texto literário, para despertar o gosto pelo uso da linguagem enquanto manifestação artística. No entanto, vale lembrar que a literatura é a arte pela arte e, assim como pode lhe ser atribuída diversas funções sociais.

¹ Literatura Infantil: reflexões e práticas.

Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-medio/203-literatura-infantil-reflexoes-e-praticas>.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

O texto literário, ou o considerado como tal, requer da escola um tratamento diferenciado, que enfatize a experiência da leitura. Deve-se trabalhar poesia, ficção cujas temáticas devem ser compatíveis com o interesse dos alunos, e sempre abrir espaço para o debate, para a discussão e para a criatividade, explorando ao máximo as potencialidades da obra. Essas práticas devem permitir que a leitura seja exercida sem o abandono do prazer. O professor, alinhado ao projeto pedagógico da escola, deve propor diferentes estratégias metodológicas para melhor conduzir esse trabalho a fim de atingir os objetivos educacionais. Deve-se destacar o aspecto lúdico e desenvolver a fruição do texto literário, além de desenvolver o repertório e pensamento crítico. Para levar os alunos a mergulhar nesse universo poético e a desenvolver apreciação estética, o professor precisa estar adequadamente subsidiado. Deve conhecer diferentes abordagens teóricas que possam levá-lo a dialogar com a produção literária. Assim, poderá encontrar estratégias metodológicas que melhor conduzam seu trabalho para atingir o objetivo de formar alunos leitores. As perspectivas para o tratamento das obras podem ser históricas, sociológicas ou com o foco no leitor. Podem, ainda, levar em conta aspectos do contexto histórico-social em que foram produzidas. Esses conhecimentos devem ser mobilizados a fim de conduzir os discentes às práticas sociais de leitura, em especial da leitura literária, assim concretizando o letramento literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a escola não seja o único espaço destinado a se cultivar o letramento literário, é quase sempre o lugar onde ocorre o primeiro contato de crianças e adolescentes com os livros. Deve, portanto, compreender sua responsabilidade em desenvolver a habilidade da leitura e despertar o gosto pelo livro. Ao promover a conexão dos jovens com o mundo literário, os educadores proporcionam o aumento de seu repertório cultural e, para que esse resultado seja positivo, as práticas pedagógicas voltadas para o ensino da literatura devem estar direcionadas para o desenvolvimento da competência desse tipo de leitura sem o abandono do prazer estético, visando criar leitores para além do ambiente escolar.

Entretanto, alguns procedimentos pedagógicos adotados, como os apontados ao longo desse texto, não têm se mostrado eficazes. Nem sempre se tem atingido o objetivo de formar leitores, em específico, do texto literário. Ao contrário, muitas vezes, os professores acabam afastando seus alunos do mundo da leitura devido à metodologia empregada no seu trabalho. É comum que tais procedimentos levem os alunos a uma leitura sem gosto, sem prazer, distanciando-os desse tipo de atividade na vida adulta.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Aqueles que, ao longo da vida, conseguiram superar experiências sofridas em relação ao livro na escola e, ainda assim, tornaram-se leitores na vida adulta, o mérito se deveu, provavelmente, a incentivos de outra natureza, para que a leitura fizesse parte de suas vidas. Entretanto, vale reforçar que, buscando estratégias adequadas, o professor que trabalha com literatura infantojuvenil consegue reverter esse cenário. Pode começar transmitindo entusiasmo ao propor a leitura e instigando a curiosidade dos jovens pelos temas que serão abordados. E, ao término da leitura, pode propor atividades dinâmicas como debates, júri simulado, dramatização, reconto ou elaboração de um outro final para a estória. Atividades sempre compatíveis com a faixa etária da turma. O educador precisa inovar sempre, buscando diferentes dispositivos para atrair a atenção do aluno. E é preciso, ainda, ser um 'professor leitor' para inspirar a turma, pois, como conduzir bem o trabalho de estimular a leitura dos jovens alunos se o professor tem aversão à literatura, ou lê apenas eventualmente, sem muita afinidade com obras literárias?

Pretendeu-se, assim, com essa breve explanação, fazer apontamentos sobre a literatura infantojuvenil no ambiente escolar com o objetivo de contribuir para a reflexão sobre o lugar do livro literário na formação de jovens leitores e sobre o crucial papel dos educadores para a concretização do letramento literário.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1991.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CUNHA, Maria Antonieta. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- CURIA, Denise Fonseca dos Santos. A literatura infanto-juvenil na contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula. **Revista Thema**. 09 (02), 2012. Disponível em: v. 9 n. 2 (2012) | Revista Thema (ifsul.edu.br). Acesso em 29 de abril de 2024.
- LAJOLO, Marisa de e ZILBERMAN, Regina. **A nacionalização da literatura brasileira**. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 2007.
- (mec.gov.br) Início. Disponível em: fala.mec.gov.br/manutgeral.htm. Acesso em 30 de abril de 2024.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Literatura Infantil: reflexões e práticas (mec.gov.br). Disponível em: fila.mec.gov.br/manutgeral.htm. Acesso em 30 de abril de 2024.

Ministério da Educação - Ministério da Educação (mec.gov.br). PNLD. **Ministério da Educação (MEC)**. Disponível em: portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld. Acesso em 1 de maio de 2024.

Recebido em: 14/08/2024

Aceito em: 19/10/2024

Publicado em: 08/03/2025

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

CHILDREN'S LITERATURE: NEW SCENARIO, NEW PERSPECTIVES

Nasle Maria Cabana

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT)

(cabananasle@gmail.com)

ABSTRACT

This article proposes reflections and insights on young adult literature, aiming to rethink some teaching approaches that either distance or bring young people closer to books. The objective is to briefly discuss the paths taken by literature aimed at young audiences and to make observations about its pedagogical purposes, with an emphasis on the limited space for literary enjoyment itself. Attention will be drawn to the fact that certain educational processes drive young people away from literature, signaling potential mistakes in practices that often separate these readers from the literary universe. The aim is to reinforce the idea that adopted pedagogical procedures are responsible for success, and therefore, some will be discussed. Another crucial point to be addressed is the careful selection of books for adolescents, which should be done to ensure the efficiency of the literary literacy development process.

Keywords: Young adult literature; Literary enjoyment; Educational practices.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

LITERATURA INFANTIL: NUEVO ESCENARIO, NUEVAS PERSPECTIVAS

Nasle Maria Cabana

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT)

(cabananasle@gmail.com)

RESUMEN

El presente artículo propone reflexiones y apuntes sobre la literatura juvenil, con el objetivo de repensar algunos de los procedimientos de enseñanza que alejan o acercan a los jóvenes del libro. El objetivo es discutir brevemente los caminos recorridos por la literatura dirigida al público joven y hacer apuntes sobre sus propósitos pedagógicos, enfatizando el poco espacio para el disfrute literario en sí. Se enfatizará que algunos procesos educativos alejan a estos lectores del universo literario. La finalidad es reforzar la idea de que los procedimientos pedagógicos adoptados son los responsables del éxito, por lo que se discutirán algunos. Otro punto clave que se abordará es la elección de los libros dirigidos a los adolescentes, lo que debe hacerse con cuidado para que el proceso de construcción de la alfabetización literaria sea eficaz.

Palabras-clave: Literatura juvenil; Disfrute literario; Prácticas educativas.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------